

# **A Igreja Católica e os trabalhadores: a experiência da Juventude Operária Católica no Mundo do Trabalho durante a Ditadura Militar no Brasil**

Dra. Lilian Marta Grisolio Mendes<sup>1</sup>

GT 1 ó Trabalhadores e Movimentos sociais

## **Resumo**

Este artigo analisa a posição da Juventude Operária Católica, a JOC sobre o mundo do trabalho durante o período da ditadura militar iniciada em 1964. A análise da principal publicação do movimento jocista, a Revista Missão operária, nos permitiu demonstrar que é possível observar uma transformação do movimento ao longo de sua história, que se caracteriza pelo seu afastamento das questões espirituais para assumir as questões sociais relativas aos trabalhadores. Observa-se que na busca de alternativas de solução à questão operária, este movimento radicaliza o seu discurso e aponta para uma prática política também radical. É nesse sentido que questões como greve, ocupação de fábricas, arrocho salarial entram na agenda do movimento que efetivou uma aproximação com a esquerda da época. Essa postura irá contrapor-se à ditadura militar que se inicia ao mesmo tempo em que necessitará adequar o seu discurso e sua ação, aos ditames da doutrina social da Igreja. Esta contradição se explicita claramente, entre outros, na mediação que a JOC efetivou entre o marxismo e o cristianismo e sua análise auxilia na compreensão da lógica que funda as ações deste movimento e assim, percebermos a função social que cumprem naquele período histórico, particularmente junto ao operariado brasileiro.

## **Introdução**

A JOC fundada por Leon Joseph Cardijn, nascido na Bélgica<sup>2</sup> em 1882, expressou um movimento da Igreja Católica de âmbito mundial, após a constatação de que a Igreja Católica se afastara das classes populares, perdendo o seu espaço. Considerou este, que a estreita relação entre a hierarquia da Igreja e os setores dominantes, apartara a instituição do novo segmento social que surgira no último século, ou seja, o proletariado. Urgia, segundo ele, responder às necessidades espirituais deste novo segmento, protagonista principal no interior de uma sociedade que mergulhava cada vez mais em contradições próprias ao sistema capitalista, com o agravamento da miséria, da desigualdade e da exploração. Assim, Cardijn, observador e crítico do capitalismo, percebe que a Igreja não pode mais se omitir ou se deter em denunciar as injustiças. A ação deveria ser contundente.

Assim, nasce a ideia do movimento. Cardijn foi preso em 1917 pelos alemães por ter escrito uma carta defendendo alguns operários presos. Na prisão, teria tido

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela PUC-SP, Professora do curso de História, Sociedade e Cultura - Lato Sensu da PUC-SP e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Política, História e Cultura (POLITHICULT ó PUC-SP). E-mail: [limarta@uol.com.br](mailto:limarta@uol.com.br)

<sup>2</sup> A Bélgica tem uma importância singular no que se refere a inserção da Igreja Católica no mundo do trabalho. O filme *Daens, um grito de justiça*, retrata a atuação do Padre Daens frente à situação da classe operária na Bélgica. Neste filme podemos perceber a influência da encíclica *Rerum Novarum* e o discurso do padre de penetração no mundo operário para combater outras ideologias. É uma visão do mundo católico inserido no mundo moderno, discute também a condição do operário, o Estado, a burguesia, os comunistas e a Igreja.

acesso à obra de Karl Marx. Em 1919 ele cria a Juventude Sindicalista. Vários grupos católicos já eram uma realidade na Bélgica, mas todos voltados à burguesia. Sofrendo inúmeras críticas por parte da própria Igreja, a Juventude Sindicalista transforma-se, em 1924, em Juventude Operária Católica. A JOC, emergindo em 1924 gradativamente, transforma-se num movimento de força e em 1929 mais de mil e quinhentos jocistas vão a Roma para ouvir as palavras do Papa. Na década seguinte, a expansão da JOC pelo mundo foi assustadora, principalmente nos países mais industrializados. Nesses países, era evidente que o número de operários crescia muito, e dadas às condições de exploração a que eram submetidos, as organizações e lutas também cresciam significativamente. É nesse contexto que as reflexões de Marx e Engels, sobre o trabalho e seu desenvolvimento são resgatados. Consequentemente, a expansão do movimento jocista criou atritos com os grupos socialistas. A divergência se fazia presente dado o discurso contido da JOC e seu apelo à ideia de cooperação entre classes.

Em 1947 no interior da JOC, com o apoio do Vaticano e da comunidade eclesial internacional, cria-se a JOCI - Juventude Operária Católica Internacional. Em 1948, o padre Enzo Guzzo declarou ser a JOCI a resposta ao pedido de Marx: *õProletários do mundo: uni-vosõ*.

Neste contexto que a JOC surge no Brasil, embora de forma desarticulada, durante toda a década de 30 apareceram focos do movimento em vários Estados, mas principalmente nos setores mais industrializados. Em virtude do momento histórico de sua chegada, o seu espaço de atuação era estritamente religioso.

A oficialização da JOC no Brasil aconteceu em 1948, mas como já mencionado, ela atuava em alguns Estados desde a década de 30, sempre com um caráter evangelizador e, neste momento, o seu principal objetivo era recuperar os operários para o seio da Igreja. A JOC seguia a mística da religião católica sendo que o jocista deveria ser um militante religioso, preocupado com as questões espirituais. Entre 1935 e 1939 podemos dizer que a JOC tinha uma inserção insignificante na sociedade industrializada. Com o passar dos anos e com o processo acelerado de industrialização que assolou o país, a JOC passa a ganhar cada vez mais espaço entre os trabalhadores.

A JOC, ainda nesse período, mantém no Brasil suas características originais, preocupada com a moral dos operários e, como a Europa, também preocupada o afastamento das classes populares da Igreja Católica.

Porém, em 1964 é dado o golpe militar<sup>3</sup> contra o presidente João Goulart, o Jango, identificado como aliado das forças subversivas. Os militares tomaram o poder e em 15 de abril o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco toma posse na presidência, com a justificativa de que a revolução tinha o objetivo de corrigir os males sociais e políticos. Assim, através da intervenção militar, com a supressão dos direitos dos trabalhadores, e subordinação ao capital estrangeiro são traçadas as novas diretrizes do país.

Antes mesmo dessa conjuntura, já se fazia presente na JOC uma tendência política. Era patente o agravamento das condições de vida dos trabalhadores. Assim, é interessante notar que a JOC alterou suas prédicas. Se antes os discursos revelavam

---

<sup>3</sup> Sobre a terminologia utilizada por militares e burguesia para definir o golpe como revolução, destaca Florestan Fernandes: *õO março de 1964 (completado pelo apogeu a que chegou o golpe em 1968-1969) ilustra muito bem a natureza da batalha que as classes trabalhadoras precisam travar no Brasil. Elas precisam libertar-se da tutela terminológica da burguesia (isto é, de relações de dominação que se definem, na área da cultura, como se fossem parte do ar que respiramos ou õsimples palavrasõ). Ora, em uma sociedade de classes da periferia do mundo capitalista e de nossa época, não existem õsimples palavrasõ. A revolução constitui uma realidade histórica; a contra-revolução é sempre o seu contrário (não apenas a revolução pelo avesso: é aquilo que impede ou adultera a revoluçãoõ*. (FERNANDES, 1985, p. 9)

preocupações que privilegiam a vida privada, o cotidiano, a ordem e a moral familiar, agora passam a aparecer as questões sociais dos trabalhadores, apontando-lhes alternativas de lutas políticas. A análise dos documentos nos permitiu demonstrar que é possível observar uma transformação do movimento ao longo deste período, que se caracteriza pelo seu afastamento das questões espirituais para assumir as questões sociais relativas aos trabalhadores. Observa-se que na busca de alternativas de solução à questão operária, este movimento radicaliza o seu discurso e aponta para uma prática política também radical.

Os documentos analisados para este artigo são os discursos políticos publicadas na Revista Missão Operária, principal veículo de divulgação das ideias jocistas a partir de 1967. Escreviam nela militantes, políticos, padres, dirigentes e publicava-se traduções de artigos de outros movimentos e dos chamados õpadres estrangeiros.

A Revista Missão Operária é antes de tudo um instrumento da divulgação da ideologia e ponto de referência para a atuação dos militantes.

Nesse sentido é fundamental situar esse trabalhador, sujeito principal das ações jocistas e que no conturbado momento histórico que trato, é alvo de inúmeras interpretações. São diversas temáticas sobre o trabalhador brasileiro que emergem da análise dos textos jocistas. Além disso, não só o operário é retratado nos textos do movimento como também o trabalhador rural. É sobre este trabalhador e as questões relativas ao mundo do trabalho que enfocaremos no próximo item deste artigo.

### **O mundo do trabalho e as greves dos trabalhadores**

Não podemos esquecer a agitação social que se instala no país no início da década de 60 por conta dos debates sobre as reformas de base, principalmente a reforma agrária. É nesse contexto, por exemplo, que se formam as Ligas Camponesas e que aumentam os movimentos sociais. Algumas das críticas mais contundentes giravam em torno dos golpes desferidos pelo governo militar contra as conquistas trabalhistas, como por exemplo, o arrocho salarial. Acredito que para o entendimento das intenções do movimento, é necessário saber de que trabalhador a JOC estava tratando e dialogando.

Já aludimos sobre o processo histórico que vive o Brasil no início da década de 60. Enquanto as disputas políticas se acirram, alguns fatores colaboram com o agravamento da situação, como o crescimento da população urbana e a falta de uma política social nas áreas de saneamento, habitação, transporte, educação e saúde. No meio rural, também os trabalhadores foram excluídos das políticas desenvolvimentistas dos governos anteriores. É nesse contexto que a JOC começa a se questionar em relação ao trabalho:

õPode ser que o domínio do Universo venha por parte dos russos, daqueles que combatem Deus, mas toda vez que o homem domina mais um pouco o Universo, é o plano do Pai que se realiza, é a imagem de Deus que se torna mais bela, é o homem que se torna criador, com Deus. Os homens que moram nas favelas de Belo Horizonte, os nossos camponeses, tem condições de serem criadores? Nosso agricultor tem condições de ser criador, unindo-se livremente em sindicatos, exprimindo livremente em praça publica sua aspirações e reivindicações?<sup>4</sup>

Neste documento, percebem-se alguns pontos essenciais para a compreensão da ideologia jocista. Em plena Guerra Fria, no Brasil é notório um crescimento acelerado de setores de esquerda e do movimento sindical. A juventude, inclusive a católica, cada

---

<sup>4</sup> õRevisão da Vida Sacerdotalö, Pe. Xavier, Revista Missão Operária - ano 2, nº 4, fev./abril - 1968. CEDIC-PUC/SP

vez mais se aproxima de entidades e partidos políticos que assumem a vanguarda nas lutas pelas conquistas dos direitos dos trabalhadores.

No documento publicado pela Revista Missão Operária, o bispo D. Antonio Fragoso acentua em seu discurso que o homem foi criado pela livre vontade criadora, para ser também criador e dominar o Universo, dessa forma, admite que se essa dominação vier dos russos, nada mais estará acontecendo do que os planos de Deus se realizando. É importante lembrar que bem antes do golpe militar o Brasil sempre se colocou favorável ao capitalismo industrial estadunidense. Em 1947, sob o governo do General Dutra e logo após a Segunda Guerra Mundial, o país cortou relações diplomáticas com a URSS, reforçando sua tradição anticomunista.

Ainda no mesmo documento citado, o bispo questiona se essa sentença, onde o homem se coloca com criador, pode se realizar dentro das estruturas injustas que estão presentes em nossa sociedade. Ele se questiona se o operário e o camponês têm condições para serem livres criadores. Existe liberdade e espaço para desejos e reivindicações?

Ora, o texto é um depoimento dado no mês de janeiro de 1968, e os movimentos da juventude já fermentavam desde 1967, sendo que em março de 1968, o estudante Edson Luís Lima foi morto aos 17 anos baleado por PMs dentro de um restaurante universitário.

É, portanto, significativo que o bispo comece a questionar a falta de liberdade que começa a imperar no Brasil da ditadura militar. O primeiro governo, presidido pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, só no período entre 1965 e 1966 baixou 3 Atos Institucionais, 312 Decretos Leis, 19.259 Decretos e mais de 3.747 Atos Punitivos.

Logo em 1964, foi promulgada a Lei 4.330 - a Lei de Greve - que dava plenos poderes ao governo para decidir o que significava o que eram greves ilegais, a saber, greves de natureza política, social e religiosas<sup>5</sup>. Não era à toa que se iniciava a reflexão sobre o governo ditatorial e a falta de liberdade para que a livre vontade criadora se estabelecesse

O autor, Hamilton Faria, que estuda a formação da Oposição Sindical Metalúrgica - OSMSMSP, destaca a atuação mais significativa no movimento operário, ou seja, a da JOC. Foi a JOC, segundo o autor, o movimento responsável pela formação de muitas comissões de fábricas, dada a organização e estrutura que facilitava a atuação e a arregimentação do operariado. A mais expressiva ação jocista foi a criação da Comissão de Fábrica da Cobrasma em Osasco, onde ocorreu uma das mais importantes greves do período militar.

Dessa forma, o autor destaca que

*õtodos os depoimentos coletados apontam no sentido de dois troncos fundamentais que estão presentes nas origens da Oposição Metalúrgica de São Paulo. O primeiro de origem católica, mais particularmente a JOC, e o segundo de origem comunista, frações sem maior organicidade, ex-militantes isolados que não tinham espaço dentro do sindicato, etc.õ*<sup>6</sup>

Evidentemente que se deve fazer aqui uma análise mais pormenorizada, ressaltando que frente à ditadura repressiva, a atuação dos militantes católicos era muito

---

<sup>5</sup> Pode-se perceber estatisticamente os efeitos desta lei: em 1962 ocorreram 154 greves, em 1963, 302, e em 1965 esse número caiu para 15.

<sup>6</sup> FARIA, 1998, p. 71.

mais fácil do que a atuação dos comunistas, atacados violentamente pela repressão, debilitando sua capacidade de organização.<sup>7</sup>

Em outro documento da Revista, a mesma preocupação com o trabalhador volta a aparecer, mas agora centrada em questionar os próprios sacerdotes, em sua postura frente ao mundo do trabalho. São vários temas ligados à função e missão do sacerdote frente ao operariado. Estabelece em suas questões uma relação entre a função original do sacerdote e aquilo que tem sido tradicionalmente o ofício do sacerdócio.

Quando pensamos em nossos fieis, estamos bem conscientes que eles são também trabalhadores durante dez horas por dia ou talvez mais? Conhecemos a profissão, a empresa, o ambiente social e moral que eles enfrentam?

Estamos de acordo para dizer que o meio de trabalho transforma a mentalidade dos trabalhadores, e marca profundamente sua maneira de considerar a vida, o sofrimento, o amor, a Igreja e os padres? Concordamos em afirmar que o meio de trabalho do marido marca também a mentalidade da esposa e dos filhos?

Será que muitas vezes falamos com eles do emprego, dos companheiros de escritório ou da fábrica, das condições de trabalho, do acolhimento que recebem, dos bate-papos durante a parada do meio dia, no ônibus ou no trem?<sup>8</sup>

Neste trecho o Pe. Xavier levanta vários questionamentos, tentando alertar para a omissão, ou ainda aquilo que ele considera mais grave, a união dos sacerdotes com os mais poderosos, esquecendo assim do trabalhador e seus problemas. O trabalhador a que o padre se refere é o operário que está dentro das fábricas, mas que os sacerdotes desconhecem enquanto profissional, pois só o reconhece dentro da Igreja como um *õfielö*. Não participam de sua vida, de seu trabalho e de seu meio de trabalho, que para o autor, interfere não só na sua mentalidade, como também na da esposa e dos filhos.

De certa maneira, está ideia estava ligada à crescente politização do operário, sentida nas lutas salariais e conquistas trabalhistas, alçadas pelos movimentos sindicais e rurais, que defendiam as reformas de Base: agrária, tributária, eleitoral e universitária.

O crescimento das organizações sindicais, bem como da mobilização das massas camponesas no Nordeste, ampliava a conscientização política e a discussão dos rumos econômicos do país. Tudo isso se fazia presente na vida do trabalhador e, por conseguinte no meio familiar. É esta visão que Pe. Xavier acentua como a mais importante. Não só a JOC, mas a Igreja como um todo não podia fechar os olhos frente

---

<sup>7</sup> Sobre a participação do movimento católico na Cobrasma, a Maria Helena Moreira Alves destaca: *õO contexto político e sindical era diferente em Osasco, uma das mais importantes áreas industriais de São Paulo. Enquanto, em Contagem a organização deu-se estritamente nos limites da estrutura sindical oficial, ou em setores fabris, em Osasco associaram-se alguns grupos de oposição: militantes da Igreja Católica, estudantes em aliança com trabalhadores, animadores políticos de uma eleição municipal contestada da qual saiu vitorioso o MDB e, finalmente, trabalhadores organizados em suas próprias comissões de fábrica. O trabalho da Igreja Católica já tinha, em 1967, certa relevância na região de Osasco. Em Osasco, a organização católica estimulou a militância dos trabalhadores em seus sindicatos, formando movimentos de oposição aos diretores controlados pelo governo. Outras organizações católicas ligadas à Pastoral dos Trabalhadores também estimularam a organização dos trabalhadores ao nível das fábricas. Coerentes com o pensamento social católico mais difundido, essas organizações não propunham programas específicos e plataformas políticas, antes estimulando a participação democrática para promover a conscientização e a autonomia decisória entre os trabalhadores. As comissões da fábrica surgiram a partir deste tipo de perspectiva e atividade.* (ALVES, 1984, p. 121)

<sup>8</sup> *õRevisão da Vida Sacerdotalö, Pe. Xavier, Revista Missão Operária - ano 2, nº 4, fev./abril - 1968. CEDIC-PUC/SP*

à constatação de uma nova sociedade que emergiu no início da década de 60, e que se acentua após o golpe de 64, onde erigiu-se um Estado ditatorial *õque reorganizou, intensificou e alargou o padrão de acumulação cujo o setor mais dinâmico continuou sendo o Departamento produtor de bens de consumo duráveis*<sup>9</sup>

Por isso, o questionamento em torno da situação do país, aos sacerdotes, continua:

*õQual é nossa opinião espontânea do sindicalismo? Qual é a nossa opinião espontânea quando ouvimos falar em greve ou passeatas? Fugimos ao problema ou nos responsabilizamos?*<sup>10</sup>

A partir de 1964 uma série de medidas contra o trabalhador além de limitar as atividades sindicais, também depauperam cada vez mais a classe assalariada, enfraquecendo e desorganizando os movimentos sindicais. O FGTS (Fundo de Garantia sobre Tempo de Serviço), substitui a estabilidade, dando aos empregadores plenos poderes de decisão sobre o futuro dos seus funcionários. Muitos são os sindicatos que sofrem intervenção direta, além do que, o Estado efetivou-se como responsável pelas decisões nos índices relacionados aos aumentos de salários. Conseqüentemente, os sindicatos são esvaziados de seu poder reivindicatório.

Paralelamente a esta situação, a JOC problematiza a questão do posicionamento do sacerdote frente às greves e às passeatas. A pergunta: *õfugimos ao problema ou nos responsabilizamos?*, é a maneira de indagar sobre a omissão de grande parte do clero que insiste em se posicionar contrariamente a luta dos trabalhadores que sofrem cada vez mais com os enormes problemas sociais.

O trabalhador que sofre com o arrocho salarial e que mal consegue sustentar sua família, dessa forma, a crítica começa a ser mais contundente e exortadora de um engajamento na luta:

*õO que sabemos da historia social de nosso país? O que sabemos do (...) do socialismo no melhoramento da condição operaria? Pensamos ter tido boa informação (Seminário) e ter-nos atualizado (leitura e estudos) a respeito dos problemas operários?*

*Já lemos e discutimos õMater et Magistraö, õPacem in Ter (...)ö e õPopulorum Progressioö? O que falamos? O que escolhemos para pregar-lhes: a resignação? A reação pessoal? Conscientizar os outros? Mudar de serviço? Informar os Sindicatos? Lutar abertamente?*<sup>11</sup>

Neste tom inquiridor, há um tom de denúncia, uma motivação ao sacerdote para que ele olhe para a sociedade, segundo à luz do Evangelho, mas sem perder de vista o Concílio e seus documentos, que aludem ao engajamento de sacerdotes na vida de seus fiéis, rechaçando o conformismo e a resignação, mas sim conscientizando-os sobre a luta sindical e sobre a desigualdade na distribuição de renda que assolava o país.

Preocupações presentes não só no discurso jocista como também a se propagar na sociedade, são justamente as questões relacionadas à política salarial e à distribuição

<sup>9</sup> ANTUNES, 1988, p. 106.

<sup>10</sup> *õRevisão da Vida Sacerdotalö*, Pe. Xavier, Revista Missão Operária - ano 2, nº 4, fev./abril - 1968. CEDIC-PUC/SP

<sup>11</sup> *õRevisão da Vida Sacerdotalö*, Pe. Xavier, Revista Missão Operária - ano 2, nº 4, fev./abril - 1968. CEDIC-PUC/SP

de renda. O governo militar implementou uma política econômica que se apresentava como reformas e ajustes necessários para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Efetivamente o resultado imediato desta política atingiu diretamente a população, como expressa a autora Maria de Lourdes Manzini-Covre: *o E é o povo famélico que, realmente, paga. A pobreza é evidente*<sup>12</sup>

Se pensarmos no PAEG, Programa de Ação Econômica do Governo de Castelo Branco (1964 ó 1966) que orientava a política econômica na tentativa de estabilização e desenvolvimento, buscando o diálogo com todos os setores da sociedade, veremos com o discurso do governo, entra em choque com as deliberações salariais postas em prática. Esse passa a ser para a JOC o propósito central de muitos textos da Revista: *refletir sobre a situação do trabalhador, denunciar e reivindicar.*

### **Capitalismo, arrocho salarial e luta sindical**

A partir da análise da política econômica brasileira na década de 60, é possível entender a lógica instaurada pelo governo militar. Grosso modo, aumentou a produção de bens de consumos duráveis, direcionado ao um mercado interno, evidentemente de privilegiados. A empresa nacional sentiu visivelmente essa política, que consistia basicamente na acumulação capitalista, subordinada ao capital internacional. Dentro desta lógica um aspecto determinante para seu funcionamento é o arrocho salarial, outra preocupação constante da JOC.

É certo que os acontecimentos políticos após o golpe, e principalmente, os novos rumos econômicos traçados pelo governo militar, influenciaram diretamente o movimento, que, como já citado, desloca o seu debate do ambiente familiar para dentro das fábricas. É assim que em agosto de 1968, uma equipe de trabalhadores jocistas, publica na Revista o texto: *o Política salarial do governo ó as leis do arrocho*:

*o Para compreender bem o significado das leis do arrocho salarial impostas aos trabalhadores brasileiros pelas ditaduras de Castelo Branco e Costa e Silva, é preciso compreender antes o que é salário, lucro, patrão, governo e imperialismo, e qual a relação que existe entre eles.*

*O Brasil é um país que vive sob o regime capitalista, onde tudo é visto em função do lucro e prejuízo do capital. O bem estar do povo, as necessidades do trabalhador não são levados em conta.*

*O salário, que para o operário é seu único meio de sobrevivência, para o patrão é despesa, é gasto, portanto é prejuízo. O operário precisa ganhar sempre mais, para que o aumento do custo de vida não reduza sua capacidade de comprar as coisas de que precisa para viver. Os patrões, por sua vez, querem pagar sempre menos, para ter mais lucro.*<sup>13</sup>

O texto tem como principal intuito, servir de manual explicativo para os operários, revelando os aspectos fundantes do arrocho, e alertando-os para a missão do operário que tem como tarefa *o acabar de uma vez com o arrocho da ditadura. E se este trabalho ajudar, um pouco que seja, nessa tarefa, nos damos por satisfeitos*.<sup>14</sup>

Para isso a equipe se propõe explicar todos os conceitos relevantes ao entendimento da situação que o país atravessa, como *o salário, lucro, patrão, governo e*

<sup>12</sup> MANZINI-COVRE, 1993, p. 74.

<sup>13</sup> *o A política salarial do governo-as leis do arrocho*, Equipe de trabalhadores, Revista Missão Operária, Agosto/68, CEDIC/PUC-SP.

<sup>14</sup> Ibid.

*imperialismo.*<sup>15</sup> Estes assuntos, antes um tabu, agora é a temática central de um texto editado com relativo destaque na Revista da JOC de agosto de 68.

O capitalismo é apontado como a base do problema, pois sua lógica funciona de maneira a promover o desenvolvimento da classe dominante, em detrimento ao operariado. O salário é o motivo do conflito entre os trabalhadores e patrões, que estão em lados opostos, o operário precisa ganhar mais e o patrão, para lucrar, pagar menos.

Em relação ao arrocho a equipe de trabalhadores também ressalta em seu texto o movimento anti-arrocho que foi organizado nesta época:

Os dirigentes sindicais tomaram uma posição: criaram MIA ( Movimento Inter-sindical Anti-arrocho), uma organização de cúpula que logo mostrou seus verdadeiros objetivos, que não eram de derrubar as leis do arrocho, mas enganar os trabalhadores, fazendo-os acreditar que essas leis poderiam ser derrubadas com manifestos, abaixo-assinados, etc. O MIA foi definitivamente desmascarado no histórico 1º de maio na Praça da Sé, onde os trabalhadores mostraram o que pensam dos colegas, dos políticos e da ditadura.

Hoje os trabalhadores sabem que a luta contra o arrocho depende fundamentalmente deles próprios, e começam a tomar a iniciativa: em Minas os operários da Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira ficaram em greve uma semana, dando, início a uma serie de greves que ocorreram em muitos pontos do país, obrigando o governo a dar o abono (...) de 10%. É claro que esse abono não satisfaz a ninguém, mas representou duas coisas importantes:

1ª - rompeu o esquema do arrocho, que só previa reajuste salarial de ano em ano.

2ª - demonstrou o medo que o governo tem dos trabalhadores, quando eles se unem e exigem seus direitos.<sup>16</sup>

Neste trecho do documento destacamos o tom de denuncia em relação ao MIA, pois seus autores observam que se trata de um movimento que não teve nenhuma significação para a luta, visto que teriam escolhido, propositalmente, os métodos errados para iludir os trabalhadores. Eles apontam que não é com manifestos e abaixo-assinados que se pode derrubar o arrocho e sim com a greve. A equipe exemplifica com a greve da Cia Siderúrgica Belgo-Mineira para mostrar a eficácia da greve como instrumento de luta.

É flagrante a preocupação da JOC com a questão salarial e o conteúdo dos textos revela ser um tema recorrente nas denúncias e apoio às reivindicações do operariado:

Enquanto isso acontece, **o salário mínimo do trabalhador continua o mesmo**, a grande maioria dos trabalhadores não recebeu nenhum aumento. Alguns estão recebendo uma tapeação chamada abono, os outros nem isso.

E como **os trabalhadores já vem sendo arrochados desde 1964**, já se vê a dificuldade em que um operário hoje se encontra para poder sustentar sua família. Para estar igual ao aumento do

---

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> A política salarial do governo -As leis do arrocho- in: Revista Missão Operária, ano 2, nº 5, agosto/1968, CDEIC-PUC/SP



custo de vida o salário mínimo hoje deveria ser por volta de 400 mil cruzeiros.

Debaixo dessa exploração os operários estão mostrando que estão dispostos a lutar. Mas quando procuram lutar encontram as leis do arrocho da ditadura militar que está a serviço do imperialismo e seus aliados brasileiros. As leis foram feitas para impedir nossa luta: o salário só pode ser aumentado por ordem da ditadura.<sup>17</sup>

A perda de poder aquisitivo fez com que o trabalhador aumentasse a sua jornada de trabalho e também que mais membros da família entrassem no mercado, pois só assim podiam garantir o sustento. A mulher, que cada vez mais sai do tradicional trabalho doméstico, para entrar nas fábricas, o trabalho infantil e as chamadas horas extras são novas formas de garantia de sobrevivência para a classe trabalhadora.

O arrocho salarial no início, se referia à proporção de aumentos, mas em julho de 1964 virou o Decreto-Lei nº 54.018, pelo qual as empresas aliadas ao Estado teriam o controle efetivado pelo governo. No entanto, em julho de 1965, o setor privado também é atingido pela lei do arrocho, e finalmente, em 1966, os índices de reajustes passam ser totalmente decretados pelo Executivo.

Apesar da variada gama de interpretações que o golpe ditatorial suscitou, alguns aspectos são reveladores dos ideais políticos-ideológicos dos militares. Um aspecto que pode ser analisado com segurança é a opção de desenvolvimento moldado pelo capitalismo. A chamada correção dos males sociais e políticos passou antes de tudo, a destituir os direitos adquiridos pelos trabalhadores, atacando as conquistas salariais. A consequência imediata desta política foi a desmobilização sindical que, frente ao poder militar se via cada vez mais reprimido. Assim, conclui a equipe de trabalhadores jocistas:

A política salarial da ditadura conseguiu seus objetivos ao transferir uma parte da renda dos assalariados para os proprietários. Eles pensavam com isso resolver o problema de inflação galopante e da baixa capitalização da economia brasileira. Mas fracassaram.<sup>18</sup>

É dentro deste contexto que o mundo do trabalho surge para a JOC como prioridade. A partir de 1960 a questão social antes vista como um caso de polícia, em conformidade com as falas oficiais, passa a ser vista como questões relativas ao trabalhador. A JOC centra todo seu discurso nos trabalhadores, na atuação dentro das fábricas, cobra posição frente ao sindicalismo e a greve e fala em uma *teologia do trabalho*.

Será que falamos muitas vezes sobre o trabalho em nossas pregações? Qual é a nossa teologia de trabalho?

Será que falamos ou pregamos muito sobre o testemunho que os cristãos devem dar no meio do trabalho? Caridade individualista ou esforço de caridade, ou pregamos a convivência social à base de incentivo e promoção dos outros?

---

<sup>17</sup> Camponês perde a perna, mas continua na luta - Revista Missão Operária, novembro/68, CEDIC/PUC-SP.

<sup>18</sup> A política salarial do governo-as leis do arrocho, Equipe de trabalhadores, Revista Missão Operária, Agosto/68, CEDIC/PUC-SP.

Qual é nossa opinião espontânea do sindicalismo? Qual é a nossa opinião espontânea quando ouvimos falar em greve ou passeatas? Fugimos ao problema ou nos responsabilizamos?<sup>19</sup>

Neste documento, quando se questiona qual é a *teologia de trabalho* da Igreja, emergem questões fundamentais para o debate. De quem é realmente a orientação do movimento a respeito do mundo do trabalho? A Igreja compartilha desta preocupação?

Se lembrarmos que o processo de transformação da Igreja e do surgimento de movimentos progressistas se deu à luz das encíclicas, percebemos que a JOC expressava na verdade, preocupações mais amplas do que as da própria hierarquia, que atuava através dos movimentos leigos.

Dessa forma, podemos entender, por exemplo, por que quando realizamos uma retrospectiva das Campanhas da Fraternidade, o único tema que se repetiu é sobre o mundo do trabalho. Em 1978 o tema era a *Fraternidade e o Mundo do trabalho*, com o lema *Trabalho e justiça para todos*. Em 1991 o tema se repete mudando apenas o lema: *Solidários na dignidade do trabalho*. E por último em 1999 a campanha enfocou o desemprego no tema a *Fraternidade e os Desempregados*, com o sugestivo lema: *Sem trabalho Por quê?*

Assim, a Igreja expressa a atenção dedicada ao mundo do trabalho, não só através de seus movimentos leigos, ou da Pastoral Operária, mas também pela campanha mais importante da instituição que monopoliza e orienta todas as atividades das dioceses.

Enfim, o capitalismo em sua nova forma, continua sendo o grande mal, e motivo de organização para a luta. A Igreja continua no seu papel de denunciar a perversidade do sistema em suas campanhas anuais. Mas apesar disso, a questão do padre Xavier feita em 1968 aos sacerdotes católicos, ainda persiste: qual é a teologia de trabalho da Igreja? Concluo que, apesar de seu discurso aproximar-se das correntes politicamente organizadas que constituíam a esquerda da época, a JOC permanece aliada a Igreja que a condenava por seus desvios ideológicos. Mesmo assim, não se pode negar que o crescimento da Igreja Católica deveu-se em grande parte a esses movimentos sociais ligados às classes populares e aos trabalhadores. Percebe-se, assim a função social que cumpriram naquele período histórico, particularmente junto ao operariado brasileiro.

### **Documentação Consultada**

Revista Missão Operária:

Ano 1 ó nº 1 ó 1967, Ano 1 ó nº 2 ó agosto/outubro ó 1967, Ano 2 ó nº 4 ó fevereiro/abril ó 1968, Ano 2 ó nº 5 - agosto ó 1968, Ano 2 ó nº 6 - novembro ó 1968

Acervo: CEDIC

(Centro de Documentação e Informação Científica ó Prof. Casemiro dos Reis Filho)

### **Bibliografia**

ALVES, Marcio M., (1993), **68: Mudou o Mundo**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_, (1979), **A Igreja e a Política no Brasil**, Brasiliense, São Paulo.

ALVES, Maria Helena Moreira (1984), **Estado e Oposição no Brasil (1964 - 1984)**, Vozes, Petrópolis.

---

<sup>19</sup> Revisão da vida sacerdotal, In: Revista Missão Operária, ano 2, nº 4, fev/abril ó 1968, CEDIC-PUC/SP

ANTUNES, R. (1982), **Classe Operária, Sindicatos e Partido no Brasil**, Ensaio/Cortez, São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1988), **A Rebelião do Trabalho**, Ensaio/Unicamp, São Paulo.

BETTO, Frei (1982), **Batismo de sangue**, Vozes, Petrópolis.

BOFF, Leonardo (1980), **O Caminhar da Igreja com os Oprimidos**, Vozes, Petrópolis.

BOITO JR, Armando (1991), **O Sindicalismo de Estado no Brasil**, Unicamp, Campinas.

COVRE, M. de Lourdes (1993), **A Fala dos Homens: Estudo de uma matriz cultural de um estado de Mal-Estar**, Brasiliense, São Paulo.

DAMIÃO, D. Farias (1998), **Em Defesa da Ordem: Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)**, Hucitec, São Paulo.

DELLA CAVA, Ralph (1975), **Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro:1916-1964**, Estudos Cebrap, nº 12, São Paulo.

DREIFUSS, René Armand (1981), **1964: A Conquista do Estado, Ação Política, Poder e Golpe de Classe**, Vozes, Petrópolis.

FERNANDES, Florestan (1985), **O que é revolução?**, Brasiliense, São Paulo.

ROMANO, Roberto (1979), **Brasil: Igreja contra Estado (crítica ao populismo católico)**, Kairós, São Paulo.

SOUZA MARTINS, Heloísa H. T. (1994), **Igreja e Movimento Operário no ABC**, Hucitec, São Paulo.

WANDERLEY, Luis Eduardo W. (1984), **Educar para transformar. Educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base**, Vozes, Petrópolis